

GEOGRAFIA: Ambiente, Educação e Sociedades GeoAmbES



ARTIGO

PRODUÇÃO DO ESPAÇO RURAL DE CRUZEIRO DO SUL: UM ESTUDO A PARTIR DA REALIDADE ATUAL DA ESTRADA RURAL - RAMAL 12

*Production of rural space in Cruzeiro do Sul,
Acre: a study based on the current reality of
Ramal 12*

*Producción del espacio rural de cruzeiro do
sul: un estudio desde la realidad actual del
camino rural - ramal 12*

Maria Raylene Félix Cameli

Graduada em Geografia pela Universidade Federal do Acre - UFAC e mestre em Geografia pela Universidade Federal do Acre – UFAC.
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6184-7334>
E-mail: raylenecameli@gmail.com

Silvio Simione da Silva

Professor Titular do Centro de Filosofia e Ciências Humanas e do Programa de Mestrado da Universidade Federal do Acre.
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5348-9899>
E-mail: ssimione@gmail.com

Como citar este artigo:

CAMELI, Maria Raylene Felix; SILVA, Silvio Simione da. Produção do espaço rural de Cruzeiro do Sul, Acre: um estudo a partir da realidade atual de Ramal 12. **GEOGRAFIA: Ambiente, Educação e Sociedades – GeoAmbES**, jul./dez. v.2 n.6, p. 37-56, 2024.

Disponível em:

<https://periodicos.unemat.br/index.php/geoambes/index>

Volume 2, Número 6 (2024)
ISSN 25959026

PRODUÇÃO DO ESPAÇO RURAL DE CRUZEIRO DO SUL: UM ESTUDO A PARTIR DA REALIDADE ATUAL DA ESTRADA RURAL - RAMAL 12

Production of rural space in Cruzeiro do Sul, Acre: a study based on the current reality of Ramal 12

Producción del espacio rural de cruzeiro do sul: un estudio desde la realidad actual del camino rural - ramal 12

Resumo

Este artigo traz uma compreensão da dinâmica atual da fronteira econômica na Amazônia-acreana, a partir do espaço rural de Cruzeiro do Sul, tendo como recorte territorial, no circuito da BR-364, na estrada do Ramal 12. Para isto, fez-se uma revisão teórica sobre a expansão da fronteira econômica e, efetuou-se uma visita na área de estudo. Pode-se notar que a raiz desta mobilidade está nas atrocidades, com ameaças e expropriações, em outros estados, fazendo que muitas famílias migrem para o Acre em busca de terra de trabalho. Ademais, apesar do esforço desses trabalhadores, é necessário maior apoio do poder público, fazendo dessa realidade um modelo para as áreas que passam por processos semelhantes no Acre e sul do Amazonas e não de formação de novas áreas de expropriação do agricultor familiar.

Palavras-chave: Fronteira Econômica; Agricultura familiar; Espaço rural amazônico.

Abstract:

This article provides an understanding of the current dynamics of the economic frontier in the Amazon region of Acre, based on the rural area of Cruzeiro do Sul, with a territorial focus on the BR-364 circuit, on the Ramal 12 road. To do this, a theoretical review was carried out on the expansion of the economic frontier and a visit was made to the study area. It can be seen that the root of this mobility lies in the atrocities, threats and expropriations in other states, causing many families to migrate to Acre in search of land to work. Furthermore, despite the efforts of these workers, more support is needed from public authorities, making this reality a model for areas undergoing similar processes in Acre and the south of Amazonas and not forming new areas of expropriation for family farmers.

Key words: Economic frontier; Family farming; Amazonian rural space

Resumen:

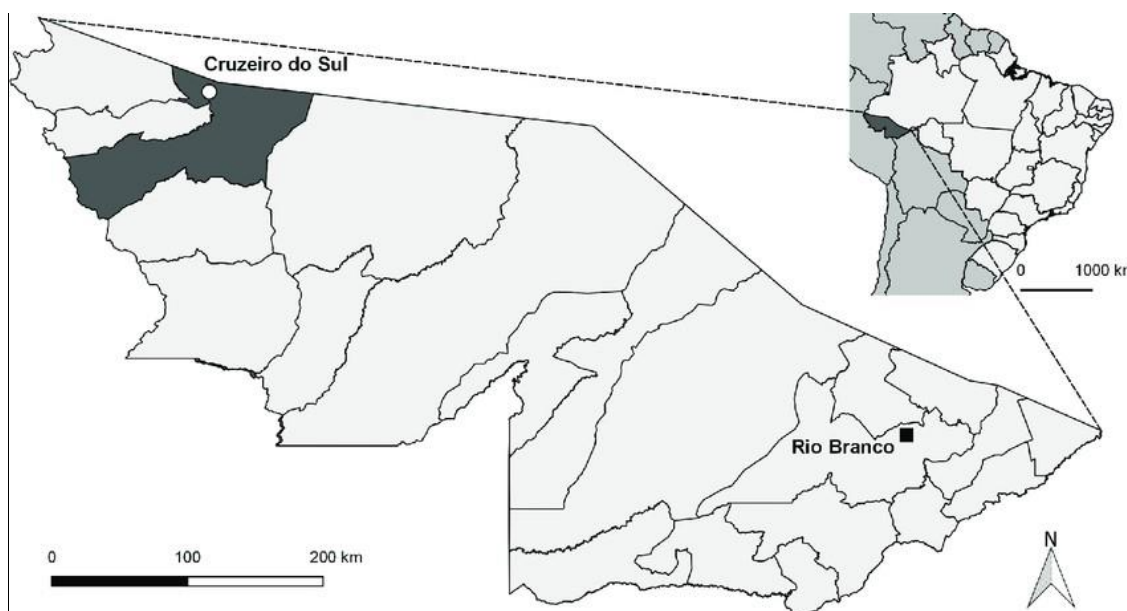
Este artículo permite comprender la dinámica actual de la frontera económica en la región amazónica de Acre, tomando como base la zona rural de Cruzeiro do Sul, con un enfoque territorial en el circuito de la BR-364, en la carretera Ramal 12. Para ello, se realizó una revisión teórica sobre la expansión de la frontera económica y una visita a la zona de estudio. Se observa que la raíz de esta movilidad está en las atrocidades, amenazas y expropiaciones en otros estados, lo que hace que muchas familias emigren a Acre en busca de tierras para trabajar. Además, a los esfuerzos de estos trabajadores, es necesario un mayor apoyo por parte de los poderes públicos, haciendo de esta realidad un modelo para las zonas que atraviesan procesos similares en Acre y en el sur de Amazonas y no formando nuevas áreas de expropiación para los agricultores familiares.

Palabras clave: Frontera económica; agricultura familiar; espacio rural amazónico.

Introdução

Localizada na porção territorial oeste do estado do Acre, na mesorregião do Juruá, às margens do Rio Juruá, a cidade de Cruzeiro do Sul, tem sua economia baseada comércio, agropecuária, agricultura familiar e ainda em certas atividades extrativistas. Como atividades urbanas destaca-se o comércio e o setor de serviço público, ao passo que na zona rural a pecuária bovina, junto a produção de café, guaraná, feijão e legumes são bastante expressivas. Porém, a atividade mais notória provém da produção de macaxeira (mandioca) de onde se produz farinha mandioca (e outros produtos derivados da planta), que leva o nome da cidade como selo de qualidade. Sua qualidade já ganhou reconhecimento regional, sendo a mesma uma importante fonte de renda da população rural de agricultores familiares.

Figura 01: Localização do município de Cruzeiro do Sul, no Estado do Acre.



Fonte: DOMBROWSKI, Jamille Gregório et al. Malaria during pregnancy and newborn outcome in an unstable transmission area in Brazil: A population-based record linkage study. S.I. 2018. Disponível in: https://www.researchgate.net/figure/Map-showing-the-geographic-location-of-Cruzeiro-do-Sul-Acre-State-Brazilian-Amazon_fig1_325916004. DOI:10.1371/journal.pone.0199415

A agricultura familiar é praticada nos ramais¹, que se estende pela BR-364, nos trechos que liga Cruzeiro do Sul com município vizinhos (Tarauacá, Mâncio Lima e Rodrigues Alves). Nos últimos anos com boa a manutenção das estradas principais e

¹ Regionalmente o termo “ramal (is)” refere-se às estradas vicinais com relação às rodovias federais e estaduais. No geral se diz ramal tal, do Projeto da Assentamento tal, indicando uma estrada que faz a ligação das rodovias com as áreas do assentamento, fazendo ou unidade de conservação.

PRODUÇÃO DO ESPAÇO RURAL DE CRUZEIRO DO SUL: UM ESTUDO A PARTIR DA REALIDADE ATUAL DA ESTRADA RURAL - RAMAL 12

que alguns desses ramais ganharam até mesmo a pavimentação asfáltica, tem tornado esses lugares mais atrativos para muitas famílias de outros estados brasileiros. Esses migrantes passaram a buscar a aquisição de terras nesses antigos projetos de assentamentos, onde residem e introduzem diversificadas práticas de agricultura e pecuária.

As frentes expansão foram responsáveis pela intensificação do uso da terra para a produção familiar e, posteriormente abriu espaço para as frentes pioneiras do agronegócio no Brasil. É neste contexto, ao serem tituladas as terras de projetos assentamentos, se tem a transformação do valor de uso dado ao camponês, para uma valorização da mercantil do espaço agrário; ou seja, quando a terra é titulada e escriturada, essa ganha *status* de propriedades privadas. Nisto o processo de mercadorização da terra (Silva, 2004), quase sempre traz rastros de expropriação e violências (Martins, 1996, Oliveira, 1999, Silva, 2005.).

A vinda de famílias em busca de terras para garantir seu sustento nessa parte do Acre, então é algo esperado já que a fronteira agrícola se expande por aqui está em pleno movimento, junto a outras porções territoriais da Amazonia Sul-ocidental. Tais mudanças, no âmbito da articulação regional, se dá devido a intensificação do cultivo de soja e expansão da pecuária em Rondônia e Mato Grosso, expropriando a produção da agricultura familiar que buscam novas áreas indo sempre mais para o Oeste. Então, há a busca por novas áreas de terras, uma vez que segundo Silva (2015) “agronegócio tornou-se, por conseguinte, a um só tempo, a força política e o motor econômico que vai impor uma transformação geoeconômica e uma agenda geopolítica no espaço rural brasileiro”. Nisto as terras mais distantes do Acre, aparece como oportunidades para estes camponeses excluído da terra, inclusive, em outros estados.

Tais as transformações na zona rural de Cruzeiro do Sul agora estão marcadas pela presença de pessoas oriundas de regiões onde a agricultura já está mais desenvolvida. Estes grupos, chegam impondo outros ritmos de trabalho e produção, com usos de técnicas e até mesmo práticas de trabalho diferenciado primeiros assentados em solo acreano, tendo relações mais próximas com as formas de circulação do mercado e geração de rendas.

PRODUÇÃO DO ESPAÇO RURAL DE CRUZEIRO DO SUL: UM ESTUDO A PARTIR DA REALIDADE ATUAL DA ESTRADA RURAL - RAMAL 12

Observando a realidade do espaço rural na Mesorregião do Juruá, dentre os ramais da zona rural de Cruzeiro do Sul, o ramal 12 vem se destacando, em especial, no cultivo de café e cacau. Contudo, ressalta-se, que essas atividades praticadas foram implementadas por famílias oriundas de Rondônia, Paraná e Minas Gerais, que chegaram mais recente na região. Desta forma, o Ramal 12 se sobressai em relação a produção de café e cacau, chamando atenção já que a referida área vem sendo concorrente do café produzido em Mâncio Lima, município vizinho, até então considerado um dos principais produtores de café no estado.

Dado estas considerações, neste artigo se busca entender as mudanças oriundas desse processo de migração em busca de terras por agricultores familiares e como isto torna condicionante para uma reconfiguração do espaço geográfico rural do município de Cruzeiro do Sul. Objetiva-se aqui analisar as modificações no espaço rural ocasionadas pelas migrações em decorrência da expansão da fronteira agrícola no Ramal 12. Para tanto, pretende-se identificar como se dá a prática de agricultura, modo de produzir e traços culturais implantados para dinamizar a produção na realidade estudada, tal como compreender a trajetória desse processo de migração, no âmbito atual da fronteira econômica da Amazonia Sul-ocidental.

Para isto recorreu-se a pesquisa bibliográfica em artigos e dissertações de autores que abordaram a expansão da frente pioneira, consultas em jornais e sites com reportagens acerca do tema abordado. Realizou-se uma pesquisa empírica através de uma visita ao Ramal 12, onde por meio de uma observação sistemática e conversas informais com pessoas da comunidade, de forma aleatória e espontânea, obteve-se informações fundamentais, ainda que iniciais, sobre a relação com a terra e como novos modos de produção implantado no local.

Produção do espaço rural

A ocupação dos espaços é diversificada depende do grupo que ali reside e do desenvolvimento das atividades econômicas. O que também contribui para a sua formação são as articulações que um espaço tem com outro onde conforme afirma Haesbaert (2004, p. 18) “(...) hoje não temos mais espaços fechados e identidades homogêneas e “autênticas”. A atualidade, a globalização, nos proporciona os avanços tecnológicos que trouxe um novo momento de conectividade fazendo com que

PRODUÇÃO DO ESPAÇO RURAL DE CRUZEIRO DO SUL: UM ESTUDO A PARTIR DA REALIDADE ATUAL DA ESTRADA RURAL - RAMAL 12

espaços geograficamente distantes dos grandes centros tornassem interligados (Santos, 1994).

Com a ampliação da ocupação dos espaços considerados de como zonas “vazios” como era o caso da Região Norte, tornou-se passível intensificação de fluxos migratórios.

Presenciamos nos últimos tempos espaços que se formam de acordo com interesses individuais, mas sempre visando a atender necessidades externas, no que marcou e marca os velhos e novos tempo da produção do espaço amazônico. Isto pois, o espaço geográfico não é construído para atender os anseios, apenas dos que o habitam, mas sim é produzido também para o interesse dos agentes do capitalismo em sua articulação que vai do local ao global. Nisto, sua reprodução traz certos ganhos de desenvolvimento local, articula o local com o nacional/global, mas também impõem ações das mais perversas, inclusive, expulsando famílias de suas terras e apropriado deste espaço para sua reprodução mais intensiva. Por isto, no processo desta economia de fronteira econômica, sempre haverá o embate entre a expectativa do progresso, mas também os conflitos constantes.

Configuração do espaço rural no Acre

A configuração do espaço rural no Acre, iniciou-se a partir de dinâmicas da fronteira econômica brasileira no século XIX, com o extrativismo da borracha. Já no século vinte, a economia empresarial da borracha entrou decadência, criando condições propícias para outras articulação econômica da fronteira, em especial após a década de 1950, ao final da Segunda II Mundial (isto, pois neste período, houveram tentativas de reativar a produção da borracha como estratégia de economia de guerra). Na década de 70 do século XX, quando o extrativismo já havia perdido sua importância como atividade econômica principal, tem-se então ao momento crucial de valorização da terra. A floresta em pé perde seu valor, enquanto as áreas desmatadas ganham importância dado a mudança no uso do espaço – agora o solo desnudo seria transformado em pastagem e áreas agricultáveis (Silva, 2004). Isto numa produção do espaço feita camponeses, médios e grandes proprietários de terras vindos de outras regiões do Brasil, em especial, do Centro-Sul, tanto em áreas privadas, como

PRODUÇÃO DO ESPAÇO RURAL DE CRUZEIRO DO SUL: UM ESTUDO A PARTIR DA REALIDADE ATUAL DA ESTRADA RURAL - RAMAL 12

assentamentos oficiais e até mesmo áreas de ocupação ilegal por grilagens (Silva, 2004).

Então, na frente pioneira faz com que a terra seja metamorfoseada mais rapidamente em mercadoria. Nisto, torna-a disputada pelo pequeno produtor, grandes proprietários de terra, indígenas e grileiros. Por isso, os conflitos sociais marcam a trajetória da fronteira e a mesma é responsável pela configuração do espaço geográfico levando em conta a necessidade do mercado capitalista. Como ensina Martins (1996, p. 29) “A concepção de frente pioneira compreende implicitamente a ideia de que na fronteira se cria o novo, nova sociabilidade, fundada no mercado e na contratualidade das relações sociais”.

No contexto da fronteira, então pós 1970, os conflitos no campo no Acre se tornaram intensos surgindo movimentos que além de lutar pela posse da terra reivindicam o direito do seringueiro de usufruir da floresta enquanto território de vivência; isto ao passo que a pecuária e agricultura desmatam, e impunha uma lógica produtiva mais mercantilizada. Isto, pois em áreas de floresta os seringueiros precisam da floresta em sua condição natural, enquanto aos migrantes centro-sulistas negavam tal condições, para recriar seus espaços produtivos para agricultura e pecuária (Silva, 2004). Esse processo vivido pelos seringueiros trouxe resultados positivos como menciona Silva (2004, p.44 e 45) “(...) à luta e resistência pela ‘condição de seringueiro’, da qual provêm vitórias como conquista das primeiras “reservas extrativistas” (RESEXs)” e os Projetos e assentamentos.

A pecuária, no Acre, embora já fosse praticada no estado desde os anos iniciais do século XX, nos anos 80 e 90, torna-se a atividade econômica mais importante e viável no setor da produção rural. Isto, pois haviam grandes áreas de terras disponíveis e por preços atrativos, tornando-se um investimento lucrativo e praticado pelo pequeno, médio e grande produtor.

(...) Quando a considera referente ao produtor familiar, funciona como “poupança”, uma “reserva econômica” para as horas de extremas necessidades. Por outro lado, referido a fazendeiro/pecuarista, a pecuária significa um investimento que, de qualquer forma, trará retorno lucrativo imediato e significativo.” (SILVA, 2004, p.46)

PRODUÇÃO DO ESPAÇO RURAL DE CRUZEIRO DO SUL: UM ESTUDO A PARTIR DA REALIDADE ATUAL DA ESTRADA RURAL - RAMAL 12

Por outro lado, já na década de 1990, a resistência de grupos de seringueiros e pequenos produtores ocasionou uma nova realidade para o Acre, proporcionando a valorização da floresta no sentido ecológico. Assim, produziu um sentido ecológico da luta que tomou dimensão local, nacional e internacional, chamando atenção para a relação dos seringueiros com questões ambientais. Produtos oriundos da floresta como castanha e a madeira ganharam importância internacional, como também a agricultura familiar e a pecuária ganharam destaque, sob uma ideologização de um significado sustentável nos produtos oriundos da floresta. A

(...) revalorização de produtos regionais e da produção familiar poderão contribuir para uma nova inserção da região no Âmbito do mercado nacional e internacional, a partir da viabilização da produção, do extrativismo e da agrossilvicultura. (Silva, 2004 p. 47)

Porém cabe uma ressalva, pois nessas últimas décadas, no contexto da frente pioneira no Acre, tais mudanças sempre foram impulsionadas pela agropecuária. Ao longo da BR-364 e 317 onde se instalaram médias e grandes fazendas, principalmente destinadas a pecuária extensiva corte. A agricultura familiar se desenvolveu ao longo desse processo de expansão da pecuária e, mesmo desassistida em relação a investimentos governamentais, o pequeno e médio produtor conseguiu sobreviver com seu plantio de lavoura de subsistência e atendendo ao mercado local e, com uma pecuária bovina que vinha como instrumento de segurança econômica. Também é nessas áreas que os trabalhadores rurais se concentram em projetos de assentamento e fazem a abertura da terra iniciando a formação de pastagens e áreas desmatadas.

Ademais, nas duas últimas décadas do século XXI, a integração da Amazônia por meio de estradas pavimentadas proporcionou mais interligação do Acre com outras áreas do país. As dinâmicas provindas agora se movimentam sob a égide do agronegócio de grãos que atende as necessidades do mercado externo. Nessa fase da fronteira que se estabelece, a agricultura familiar nem sempre se adequa aos ditames mercantis que se propõem para uma produção em larga escala, superando a base tradicional da autossustentação. Como exemplos dessa dinâmica de ocupação do espaço rural, pudemos identificar como a terceira fase da expansão da fronteira onde partindo da modernização agrícola do Mato Grosso e leste de Rondônia, a lógica

PRODUÇÃO DO ESPAÇO RURAL DE CRUZEIRO DO SUL: UM ESTUDO A PARTIR DA REALIDADE ATUAL DA ESTRADA RURAL - RAMAL 12

produtiva do agronegócio de grãos vai incorporando porção territorial oeste de Rondônia e já chega ao leste do Acre. Nisto, população expropriada de suas terras onde o agronegócio se estabelece seguem o circuito das Rodovias supracitadas e chegam até o oeste acreano onde passa a disputar territórios para suas atividades produtiva e de especulação fundiária.

Nota-se que hoje o Estado de Rondônia tem como principais atividades econômicas o cultivo da soja e a pecuária. Isto torna sua economia mais forte, mas também cada vez mais totalmente dependente do mercado externo e com forte peso ambiental. Assim, o avanço do agronegócio no Mato Grosso e Rondônia é responsável pela reconfiguração dos espaços rurais da fronteira agrícola para o sul do Amazonas (BR-319 e 230) e pela BR-364 até o oeste do Acre. Nesse crescimento das áreas de pastagem e da monocultura da soja, algumas atividades ilegais ganham força como a extração de madeira, grilagem, invasão de terras indígenas e de proteção ambiental. Todas as dinâmicas políticas e econômicas dessas áreas são direcionadas para atender os interesses do mercado, conforme menciona Silva; Silva e Lima 201:

[...] apontamentos provisórios indicam que o processo de expansão da fronteira, que se concretiza na apropriação da natureza e sua transformação no circuito mercantil (terra, madeira, agropecuária, dentre outros) atingiu os limites das áreas protegidas. Significa que essas dinâmicas servem às pressões políticas e territoriais dos agentes econômicos para reformular a política de proteção ambiental e territorial da Amazônia. Isso produz uma geografia política do território, na medida em que se cristalizam os limites entres duas formas-conteúdo de ordenamento do território, qual seja, os limites e tensões nas áreas protegidas frente o movimento espacial da fronteira no sul do estado do Amazonas.

Rondônia já tem sua economia mais ligada ao mercado externo visto que é exportadora de soja para vários países. Sendo dessa forma interligada a economia global e conseqüentemente vulnerável as oscilações do mercado global; como consequência tem surgido a necessidade de ampliação de suas áreas de plantio, sendo uma expansão que se faz também por reconcentração de áreas de antigo Projetos de assentamento familiares. As grandes fazendas tomam de conta da paisagem e seus proprietários buscam ampliar seu domínio. Nesse processo, o agricultor familiar que não se enquadra, se vê obrigado a vender suas terras que eram

PRODUÇÃO DO ESPAÇO RURAL DE CRUZEIRO DO SUL: UM ESTUDO A PARTIR DA REALIDADE ATUAL DA ESTRADA RURAL - RAMAL 12

usadas para os plantios de arroz, feijão, frutas verduras e pequena pecuária. E, assim, nas áreas mais integrada pelo agronegócio, a produção de alimentos vai sendo expropriada, para ceder espaço à produção de commodities, onde seu desenvolvimento não é prioridade das políticas de públicas que se voltam mais aos atendimentos ao mercado.

Para escapar dessa violência e ter uma área para produzir e garantir a sobrevivência e da sua família, esses excluídos da terra buscam novas oportunidade em outras regiões ou mesmo em outros estados. Então, se recolocam em faixas territoriais da fronteira que permite novas possibilidades de apropriação da terra, seja para uso de produção de autossustentação ou até mesmo para especulação fundiária. São os agricultores familiares camponeses se deslocam para as supostas terras disponíveis chegando nos mais diversos territórios da Amazônia Sul-ocidental. Logicamente juntos também vão especuladores e grileiros. Essa expansão da fronteira que a denominamos de terceira fase, que vem de Rondônia e está já está ocupando terras no Acre, tanto com a plantação de soja, quanto com os camponeses expropriados em busca de novas terras de trabalhos para sua reprodução familiar.

No Acre já temos um avanço significativo de áreas destinadas a monocultura da soja principalmente na região do Alto Acre. Segundo Ferreira (2022) “O cultivo de soja começou a ser introduzido e incentivado no Acre em 2017. Nesse período, a produção do grão deu um salto de 7.000% e a produtividade foi de 60 sacas por hectare, um pouco acima da média nacional que é de 57 sacas.” Além disso, segundo o Fórum Empresarial de Inovação e Desenvolvimento do Acre (Observatório do Acre, 2021) “O IBGE estimou em janeiro a produção de soja para o Acre para o ano de 2021 em 18,878 mil toneladas, com alta de 80,9% (8,5 mil toneladas) em relação a 2020 (10,4 mil toneladas).” Notoriamente, a soja avança por terras acreanas onde o investimento nesse tipo de plantio é visto como um incremento promissor, tanto por produtores já conceituados da região, como também pelo Governo já que gera receita para o estado.

O Acre se torna atrativo aos produtores de soja, já que tem disponibilidade de terra com preços atraentes, localização estratégica por meio da BR 317 onde possibilita a utilização de uma rota que dá acesso ao Oceano Pacífico, através dos portos peruanos. Com isso pode se chegar ao mercado asiático de forma mais rápida;

PRODUÇÃO DO ESPAÇO RURAL DE CRUZEIRO DO SUL: UM ESTUDO A PARTIR DA REALIDADE ATUAL DA ESTRADA RURAL - RAMAL 12

isto, além da sua proximidade com Rondônia que possibilita a utilização da hidrovía do rio Madeira levando a soja produzida na região para diversos países do mundo.

O avanço da área plantada de soja no Acre é preocupante. A falta de políticas públicas que incentive outras culturas que atendam o mercado interno e dê apoio ao pequeno produtor que fica excluído da nova dinâmica de expansão do agronegócio pode acarretar problemas sociais, econômicos e ambientais irreparáveis. Seguir o caminho do estado de Rondônia nesse processo é algo perigoso, já que segundo Oliveira et. al. (2009), a pecuária é a atividade que mais impulsiona o desmatamento, na Amazônia, com destaque ao que acontece no Estado de Rondônia (Silva, 2015)

Figura 02: Silo Graneleiro cercado por lavoura de soja – BR-317 – Capixaba, Acre.



Foto: Silvio Simione da Silva, 2022

A soja é a principal monocultura que acompanha o avanço da frente pioneira que sai de Mato Grosso e Rondônia em direção ao sul do Amazonas chegando ao interior do Acre. Conforme informações do Site de notícias do governo do estado do Acre (MORAES, 2023) a plantação de soja avança ao longo da BR 317 (Estrada do Pacífico) isso pode ser observado pela presença de enormes estruturas cilíndricas de metal – Silos (figura 2) para o armazenamento e secagem dos grãos. Na região do

PRODUÇÃO DO ESPAÇO RURAL DE CRUZEIRO DO SUL: UM ESTUDO A PARTIR DA REALIDADE ATUAL DA ESTRADA RURAL - RAMAL 12

Alto Acre devido a fatores geográficos da área com a predominância de planícies é onde se tem observado um intenso investimento na lavoura da soja, como também no cultivo de milho.

Contudo outras feições espaciais da fronteira agrícola no estado se estendem pelas demais regionais acreanas, em especial, por meio da BR 364 chegando ao Vale do Juruá no município de Cruzeiro do Sul. Aí, se intensifica a produção de café, cacau e feijão, sobretudo com a presença de novos sujeitos sociais oriundos do estado outras regiões acreanas e também de Rondônia que amplia a disputa por espaços disponíveis para produzir. Nesse processo de ocupação introduzem uma dinâmica diferente no campo, como por exemplo técnicas de cultivar. O ramal 12 na zona rural em Cruzeiro do Sul passa por transformações sociais, econômicas e geográficas em decorrência desse tipo de migração.

Nessa perspectiva, perante o avanço da frente pioneira para o oeste do Acre, há uma nova dinâmica na zona rural, mas também já se nota impactos na reestruturação da cidade, com a ampliação da base de apoio a produção do agronegócio, com comércio especializados entre outros. Porém, também se observa o desenvolvimento de problema latente da má distribuição de terra, conflitos sociais, problemas ambientais, segregação de espaço na cidades entre outros. Isto já demonstra que no novo avanço da fronteira, nem tudo é desenvolvimento e progresso.

O espaço rural em Cruzeiro do Sul

Conforme Almeida (et al, 2002) no Vale do Juruá, na regional onde se localiza o município de Cruzeiro do Sul, desde as primeiras décadas do século XX os seringueiros iniciaram a agricultura nos roçados e nas praias (leitos fluviais) cultivando alimentos básicos como: milho, arroz, feijão, banana e mandioca. Era uma agricultura para o autoconsumo e venda do excedente. O feijão era cultivado na praia ou no roçado sem técnica de queimada, as árvores eram derrubadas e usadas como estacas naturais para o feijão corda. O arroz era cultivado nas depressões dos roçados de várzea ou nas margens arenosas dos rios. O extrativismo praticado era para extração do açaí (*Euterpe oleracea*), patauí (*Oenocarpus bataua*) e bacaba (*Oenocarpus bacaba*).

PRODUÇÃO DO ESPAÇO RURAL DE CRUZEIRO DO SUL: UM ESTUDO A PARTIR DA REALIDADE ATUAL DA ESTRADA RURAL - RAMAL 12

Com a decadência na economia empresarial da borracha, muitas famílias migram para as cidades. Porém, a parte que permaneceu nas áreas rurais, viram-se obrigados a recorrerem para além do extrativismo, às atividades agrícolas e pequena criação de animais voltadas a autossustentação familiar, como para atender aos incipientes centros urbanos regionais (Silva, 2005). No Vale do Rio Juruá, desde então, a produção da farinha de mandioca se intensificou, já que é a base da alimentação local.

Em tempos mais recentes, a agricultura praticada em terra firme é feita com queima e pousio, as famílias possuem baixos insumos e técnicas, porém dispõem de alta diversidade biológica e nem sempre mais se usam os espaços ribeirinhos. Assim, a ocupação de terras firme ocorreu de duas formas ao longo da BR-364, fazendo surgir a Vila São Pedro e a partir deste povoamento as estradas secundárias (os ramais) ampliaram as áreas ocupando as margens do Rio Croa afluente do Rio Juruá. Assim, até os dias atuais no espaço rural de Cruzeiro do Sul a predominância é da agricultura em terra firme no modelo de agricultura familiar sem a utilização de tecnologias avançadas e maquinário pesado. O plantio da mandioca predomina, a farinha produzida nessa região é comercializada em quase todos os estados da Região Norte, sendo um produto altamente valorizado. Outros produtos são cultivados como milho, feijão e arroz em menor escala e sua comercialização se restringe ao mercado interno.

No solo recém-queimado, coberto pelas cinzas, são cultivadas principalmente as culturas anuais: primeiramente o arroz e o milho, espécies que desenvolvem nas cinzas recentes depositadas, seguidos do feijão e da mandioca. A cultura anual mais cultivada no sistema de derruba e queima é a mandioca, porém com baixo emprego de insumos e equipamentos no cultivo. (Souza et al, 2017, p.44).

O preço da saca de farinha varia de acordo com a época do ano chegando a ser comercializado a 200 reais a unidade. Nesse processo de comercialização é feito através de ações de muitos atravessadores e, com isso, o produtor é o que menos ganha. Isto, pois nesse processo há uma transferência de renda para os comerciantes, ficando o menor ganho para os sujeitos que realmente produziu a farinha. Alguns agricultores por falta de incentivo, acompanhamento de órgão governamentais e da pouca lucratividade, somado as precárias condições das vias de transportes (ramais)

PRODUÇÃO DO ESPAÇO RURAL DE CRUZEIRO DO SUL: UM ESTUDO A PARTIR DA REALIDADE ATUAL DÁ ESTRADA RURAL - RAMAL 12

para o escoamento da produção estão abandonando o cultivo da mandioca. Então, alguns produtores passam a viver de aposentadoria ou algum auxílio do governo federal, outros buscam um plantio que possa oferecer uma margem de ganhos maiores como através do cultivo do milho, café, arroz e feijão.

Desta forma, apesar da mandioca ainda ser o principal produto agrícola do vale do Juruá, sua produção no estado vem sofrendo quedas consideráveis e preocupantes. A diminuição da produção de farinha se deve também ao fato áreas que anteriormente eram considerados grandes produtores, hoje priorizaram a produção de goma (amido) para tapioca, onde a produção dela dá menos trabalho e mais lucro. Além do mercado de comercialização da goma está cada vez mais em expansão, visto que a tapioca passou a ser considerada um alimento saudável livre de glúten e seu consumo se intensificou.

Em uma matéria vinculada no site do AC 24h no dia 23 de junho de 2022 o secretário da SEPA (Secretaria de Produção e Agronegócio) Edvan Maciel reconhece que a mandioca vive um período difícil e aponta como uma das causas a substituição por lavouras mais rentáveis como o café; afirma também que a mandioca como qualquer produto não está imune as variações do mercado, que pode substituir a cultura por outra (Sabino, 2022). Nesse processo, se busca um plantio que agregue mais valor surge no Vale do Juruá. Como o cultivo do café. Com isto, já se nota que em Cruzeiro do Sul, ramais antes considerados como terras improdutivas, destinam áreas para o cultivo do café e cacau. Essa nova dinâmica na produção agrícola é observada no ramal 12 (Figura 03, 04, 05 e 06) com uma predominância da agricultura familiar.

A nova realidade de produção do ramal 12

Desde 2015, grupos de migrantes chegaram no Acre com destino a Cruzeiro do Sul, vindas de Rondônia. Sem terra para garantir o seu sustento e da sua família e com a vida marcada por perseguições, numa disputa por áreas para produzir, onde muitos chegaram a perderem suas vidas, estes camponeses migrantes, viram aí única alternativa de sobrevivência e busca terras de trabalho para recomeçar. Nesta busca de terras para produzir, encontraram as terras do Juruá, como diziam: “As terras soltas” que eram “terras livres”; ouviam histórias que no Acre eles iriam encontrar

PRODUÇÃO DO ESPAÇO RURAL DE CRUZEIRO DO SUL: UM ESTUDO A PARTIR DA REALIDADE ATUAL DA ESTRADA RURAL - RAMAL 12

terras disponíveis da União que ainda não tinham dono, pois em Rondônia cada hectare de terra tinha um dono e uma história de um assassinato.

Figura 03 - Estrada do ramal 12, localizado na BR 364, zona rural de Cruzeiro do Sul – Acre.



Foto: Maria Raylene Félix Cameli, 2022.

Depois de muito procurar um lugar para produzir encontraram no Ramal 12, zona rural de Cruzeiro do Sul, com terras pertencentes à União disponível. Não havia estrada, sequer uma motocicleta conseguia circular! Mas pela vegetação perceberam que a área era produtiva e já tinha um conhecimento para produzir. Então, tiveram autorização verbal do INCRA para ocupar e passaram a produzir na terra feijão, café e cacau. Pelo conhecimento que trouxeram, chamaram atenção de moradores tradicionais da região que “debulhavam” o feijão enquanto eles “batiam” (fig. 04). Esse diferencial na prática trouxe mais agilidade na produção e com isso os moradores antigos do ramal passaram a se adequar ao modo de produzir dos novos moradores. O modo de armazenamento das sementes do feijão também foi ensinado, em Rondônia eles armazenam em locais escuros ou enterram a semente para manter a qualidade da germinação. Hoje o Incra já deu a posse da terra aos moradores, através

PRODUÇÃO DO ESPAÇO RURAL DE CRUZEIRO DO SUL: UM ESTUDO A PARTIR DA REALIDADE ATUAL DA ESTRADA RURAL - RAMAL 12

do Projeto de Assentamento Rural Familiar Recanto, onde possuem a documentação de suas propriedades inclusive para ter acesso ao crédito rural.

Figura 04 - Técnica de "bater o feijão", trazidas pelos migrantes de Rondônia, ramal 12, Cruzeiro do Sul – Ac.



Foto: Maria Raylene Félix Cameli, 2022.

Outro desafio foi diversificar a produção convencer as pessoas e entidades governamentais que o plantio de café era uma alternativa viável já que culturalmente só produziam farinha; isto é, o roçado (mandioca) era a cultura predominante no meio rural cruzeirense. Aos poucos as pessoas foram acreditando no potencial do café, em 2017, quatro famílias já estavam produzindo. Com a pandemia e a dificuldade de abastecimento de mercadorias vindas de outras regiões afetando o mercado de Cruzeiro do Sul, o café produzido no ramal começou a ter uma intensa procura no mercado interno. Já em 2022, são quatorze produtores de café, sendo que destes, doze são assistidos pelo SEBRAE e SENAR. Devido esse desenvolvimento, o INCRA documentou as terras e a comunidade se organizou solicitando cursos e acompanhamento das instituições parceiras melhorando o modo de produzir.

A produção de café atualmente ainda atende o mercado interno de Cruzeiro do Sul, onde um produtor tem a estimativa de venda de mais de 100 sacas em 2022 e a

PRODUÇÃO DO ESPAÇO RURAL DE CRUZEIRO DO SUL: UM ESTUDO A PARTIR DA REALIDADE ATUAL DA ESTRADA RURAL - RAMAL 12

comunidade tem previsão de um plantio em torno de 100 mil pés durante o ano. Atualmente vivem no Ramal 10 famílias oriundas de Rondônia que junto com a comunidade local correspondem a 70 famílias. Além do café, o cacau também tem um grande potencial onde a comunidade é a pioneira no Acre no uso do cacau clonal. Agora, o objetivo também é comercializar a venda de carbono com o plantio do cacau, uma vez que seu cultivo se dá com prática de sombreamento. A comunidade já vende, na feira local do agricultor, o chocolate artesanal

Figura 05: Cultivo do Café, Ramal 12



Foto: Maria Raylene Félix Cameli, 2022.

Figura 06: Secagem do café, Ramal 12



Foto: Maria Raylene Félix Cameli, 2022.

Sendo assim, apesar do pouco tempo que se teve desde a chegada, a comunidade já atende o mercado interno em uma feira semanal com café, chocolate, cacau, feijão, queijo, requeijão. Porém, está se organizando em uma cooperativa para que seus produtos cheguem em outros mercados e, com a ajuda do SEBRAE, há uma grande chance de concretização. Algo que se notou como característica fundamental dos migrantes rondonienses no ramal 12, é sua diversidade de cultura, a visão de utilizar a terra em toda a sua potencialidade e a perspectiva mercantil para o que produz, na geração da renda familiar.

Atualmente o senhor Jairo, migrante de Rondônia, vive numa área de terra, legalmente sua, sendo considerado o precursor desta nova dinâmica na produção do Ramal 12. Em suas memórias de vítima da disputa de terra em Rondônia, chora ao

PRODUÇÃO DO ESPAÇO RURAL DE CRUZEIRO DO SUL: UM ESTUDO A PARTIR DA REALIDADE ATUAL DA ESTRADA RURAL - RAMAL 12

falar dos momentos que passou arriscando a vida por um pedaço de chão. Ele abriu caminhos para outros que vieram a partir das notícias que mandava sobre de terras produtivas e que não estavam tão valorizadas quanto as de Rondônia. Assim, mesmo com as dificuldades que encontra para produzir pela falta de investimento do governo e estrutura para escoar a produção (quando chove seu produto não chega ao Mercado do Agricultor no centro de Cruzeiro do Sul), sente-se feliz porque não vê nenhum homem perdendo sua vida porque quer trabalhar. O café que aí é produzido, se diferencia dos outros produzidos na região, dado que sua colheita é feita quando o fruto está totalmente maduro (tipo cereja), o que segundo o produtor referido, isso modifica o sabor do café trazendo mais qualidade.

Atualmente o SEBRAE confeccionou um logotipo para comercializar este café e ele será apresentado na feira Agropecuária do Vale do Juruá (Expojuruá). A Embrapa em parceria com o SEBRAE, fez um dia de campo na propriedade do senhor Jairo (Figura 05 e 06) para discutir sobre a melhor forma de produzir café.

Considerações finais

A crescente migração de pessoas vindas de outras regiões em busca de terras no estado do Acre é uma ação que vem se intensificando, especialmente de migrantes rondonienses. Com isso, verificamos uma nova dinâmica no modo de produzir nessas áreas ocupadas, sendo a nova realidade do ramal 12, na zona rural do município de Cruzeiro do Sul, o espaço de maior expressão de tais modificações. Os agricultores rondonienses diversificaram a cultura no local, ensinaram técnicas e organizaram a produção de uma comunidade formada por 70 famílias. Os migrantes trouxeram uma nova perspectiva de vida para os que ali estavam e antes só sabiam sobreviver dos pequenos roçados. Assim, aderiram novas culturas mais rentáveis perante outras relações com a terra. Entende-se que é nítido que essa migração trouxe mais desenvolvimento para os que vivem da agricultura familiar, inclusive na capacidade de se organizar e buscar apoio das instituições externas.

A importância deste processo, é notada pela situação em que desde o início desse fluxo migratório, muitas famílias chegaram e continuam chegando na região. Contudo, comprovado sucesso dos produtores familiares do Ramal 12, onde não há

PRODUÇÃO DO ESPAÇO RURAL DE CRUZEIRO DO SUL: UM ESTUDO A PARTIR DA REALIDADE ATUAL DA ESTRADA RURAL - RAMAL 12

mais disponibilidade de terras, outras áreas já estão sendo ocupadas no interior de Cruzeiros do Sul e municípios vizinhos.

Isto são faces da produção da fronteira na atualidade, quando atingem o oeste acreano em terras que ainda oferecem possibilidade de acesso aqueles que já não tinha mais em suas regiões de origem. Contudo, são pontos que ainda deve ver mais investigados dado que este artigo exprime uma primeira aproximação da situação.

Referências

DOMBROWSKI, Jamille Gregório et al. **Malaria during pregnancy and newborn outcome in an unstable transmission area in Brazil**: A population-based record linkage study. S.l. 2018. Disponível in: https://www.researchgate.net/figure/Map-showing-the-geographic-location-of-Cruzeiro-do-Sul-Acre-State-Brazilian-Amazon_fig1_325916004.

FERREIRA, Edmilson. Soja cresceu 7.000 % no Acre em dez anos, aponta levantamento do IBGE. **Jornal AC 24 horas**, Rio Branco, 10/06/2024. Disponível em: <https://ac24horas.com/2022/04/05/soja-cresceu-7-000-no-acre-em-dez-anos/>

HAESBAERT, R. Dos Múltiplos Territórios à multiterritorialidade. **Conferências na UFRS**. Porto Alegre, 09/2004. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/petgea/Artigo/rh.pdf>

MARTINS, J de Souza. O Tempo da fronteira. Retorno à controvérsia sobre o tempo histórico da frente de expansão e da frente pioneira. Tempo Social; **Revista de Sociologia**. USP, São Paulo, 1996. N.8 (1), p.25-70.

MORAES, Wesley. Acre: a nova fronteira agrícola da soja. Rio Branco: **Agência de Notícias do Acre**. 2023. Disponível em: <https://agencia.ac.gov.br/acre-a-nova-fronteira-agricola-da-soja/#:~:text=Na%20BR%2D317%2C%20a%20Estrada,enormes%20estruturas%20c il% C3%ADndricas%20de%20metal.>

OBSERVATÓRIO DO ACRE. Produção de soja no acre deve aumentar 81% na safra de 2021, com produção de mais de 18,9 mil toneladas. **Boletim de informe econômicos**. Rio Branco, 2021. Disponível em: <https://forumdoacre.org.br/producc%CC%A7a%CC%83o-de-soja-no-acre-deve-aumentar-81-na-safra-de-2021-com-producc%CC%A7a%CC%83o-de-mais-de-189-mil-toneladas/>



PRODUÇÃO DO ESPAÇO RURAL DE CRUZEIRO DO SUL: UM ESTUDO A PARTIR DA REALIDADE ATUAL DA ESTRADA RURAL - RAMAL 12

O GLOBO – G1. **Rondônia é estado com maior número de assassinatos por conflitos no campo** em 2021. G1, 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/ro/rondonia/noticia/2022/04/18/rondonia-e-estado-com-maior-numero-de-assassinatos-por-conflitos-no-campo-em-2021.ghtml>>. Acesso em: 24 de julho de 2022

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **A geografia das lutas no campo**. São Paulo: Contexto, 1999.

OLIVEIRA, Samuel José Magalhaes et al. Pecuária e desmatamento: mudanças no uso do solo no noroeste brasileiro. **47 Congresso da SOBER**. Porto Alegre, 2009. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/254389443_PECUARIA_E_DESMATAMENTO_MUDANCAS_NO_USO_DO_SOLO_EM_RONDONIA

SABINO, Orlando. **Produção de mandioca caiu mais de 53% em 6 anos e ameaça a maior economia do setor agrícola**, 2022. Disponível em: <<https://ac24horas.com/2022/07/21/producao-de-mandioca-caiu-mais-de-53-em-6-anos-e-ameaca-a-maior-economia-do-setor-agricola/>>. Acesso em: 27, de julho de 2022.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional**. São Paulo: Hucitec, 1994

SILVA, Ricardo Gilson Costa. Amazônia globalizada: da fronteira agrícola ao território do agronegócio – o exemplo de Rondônia. **Revista Confins**, Paris, n.23. 2015. Disponível em: <https://journals.openedition.org/confins/9949?lang=pt>

SILVA R. G. C.; SILVA, V. V.; LIMA, L. A. P. Os novos eixos da fronteira na Amazônia ocidental. **Revista Confins**, Paris, n.43, 2019.

SILVA, Silvio Simione da. O espaço agrário acreano nas últimas décadas do século XX¹. **Revista NERA** - Ano 7, N. 4 – janeiro/julho de 2004 - ISSN 1806-6755.

SILVA, Silvio Simione da. **Desenvolvimento agrário e resistência camponesa na Amazonia Acreana**. 2005. Tese (doutorado). Faculdade da Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista – Programa de Pós-graduação em Geografia.

SOUZA, J.M.L et al. **Indicação Geográfica da farinha de Cruzeiro do Sul**. Brasília: Editora Técnicas, Embrapa, 2017.

Referências

Recebido: 05/05/2024

Aprovado: 10/06/2024

Publicado: 01/07/2024

